

Índice

Primeira Parte	9
Segunda Parte	89
Terceira Parte	177
Quarta Parte	245

1

Na terça-feira, 11 de outubro de 1988, o *Jason Taverner Show* terminou trinta segundos antes do habitual. Um técnico que olhava através da bolha de plástico da cúpula de comando congelou os créditos finais na secção de vídeo e apontou para Jason Taverner, que tinha começado a abandonar o palco. O técnico bateu no pulso ao de leve e apontou para a boca.

— Não se esqueçam de continuar a enviar os vossos postais e cartas de encorajamento, malta. E não percam, já a seguir, *As Aventuras de Scotty, o Cão Extraordinário* — disse Jason numa voz melíflua ao microfone de girafa suspenso acima dele.

O técnico sorriu e Jason retribuiu-lhe o sorriso. Depois, áudio e vídeo foram desligados. O *Jason Taverner Show*, programa de música e variedades com uma hora de duração que ocupava a segunda posição entre os melhores programas de televisão do ano, chegara ao fim. E tudo tinha corrido bem.

— Onde é que perdemos meio minuto? — disse Jason a Heather Hart, a convidada especial daquela noite. Estava intrigado. Gostava de cronometrar os programas que apresentava.

— Esquece isso, querido — disse Heather Hart. — Não tem importância nenhuma. — Depois, levando a mão fria à testa ligeiramente humedecida de Jason, percorreu-lhe carinhosamente o contorno do cabelo cor de areia.

— Fazes ideia do poder que tens? — disse o agente de Jason, Al Bliss, aproximando-se dele em demasia, como sempre fazia. —

Trinta milhões de pessoas viram-te fechar a braguilha. É uma espécie de recorde.

— Fecho a braguilha todas as semanas — disse Jason. — É a minha imagem de marca. Ou nunca tinhas visto o programa?

— Mas trinta milhões — disse Bliss, com o enrubescido rosto redondo salpicado de gotas de suor. — Pensa bem. E há ainda o valor dos direitos de redifusão.

— Estarei morto antes de a redifusão deste programa me valer um montante minimamente digno de nota. Graças a Deus — disse Jason secamente.

— Provavelmente morrerás esta noite — disse Heather —, a julgar pela multidão de fãs que está lá fora à espera de uma oportunidade para te cortar em pedacinhos do tamanho de selos dos correios.

— Alguns deles são também seus fãs, Miss Hart — disse Al Bliss na sua voz de cão ofegante.

— Malditos sejam — disse Heather asperamente. — Porque é que não se vão embora? Não estão a infringir nenhuma lei? A cometer o crime de vadiagem ou coisa que o valha?

Jason tomou a mão dela na sua e apertou-a com força, atraindo-lhe a atenção cenhosa. Nunca compreendera aquela sua aversão aos fãs. Para Jason, eram o impulso vital da sua existência pública. E aos olhos dele, a sua existência pública, o seu papel de apresentador mundialmente famoso, era nada mais nada menos do que o resumo da sua existência.

— Se é isso que sentes, não devias estar no mundo do espetáculo — disse ele a Heather. — Devias abandonar a indústria para abraçares a carreira de assistente social num campo de trabalhos forçados.

— Aí também há pessoas — disse Heather, carrancuda.

Dois agentes das forças especiais abriram caminho em direção a Jason Taverner e Heather.

— Desimpedimos o corredor tanto quanto nos foi possível — comunicou, arquejante, o mais gordo dos dois polícias. — Saíamos agora, Mr. Taverner. Antes que o público aqui presente no estúdio saia pelas portas laterais.

Fez então sinal a três outros agentes das forças especiais, que de imediato avançaram em direção à apinhada passagem quente que desembocava na rua noturna. Aí estava estacionado o aeromóvel

Rolls em todo o seu sumptuoso esplendor, com o foguetão traseiro a pulsar indolentemente. Como um coração mecânico, pensou Jason. Um coração que batia só para ele, a estrela. Bem, por extensão, pulsava também em resposta às necessidades de Heather.

Ela merecia-o: tinha cantado bem naquela noite. Quase tão bem como... Jason sorriu por dentro, de si para consigo. Que diabo, sejamos realistas, pensou. Não é para verem a estrela convidada que as pessoas ligam todos aqueles televisores a cores com tecnologia 3-D. Há milhentas estrelas convidadas espalhadas pela superfície da Terra, e mais umas quantas nas colónias marcianas.

Ligam-nos, pensou, para me verem a *mim*. E eu estou sempre lá. Jason Taverner nunca dececionou os seus fãs, e nunca os dececionará. Independentemente do que possa Heather sentir em relação aos dela.

— Não gostas deles porque não gostas de ti mesma — disse Jason enquanto se contorciam e se agachavam e empurravam para abrir caminho ao longo do quentíssimo corredor que tresandava a suor. — Bem lá no fundo, achas que eles têm mau gosto.

— São estúpidos — resmoneou Heather, praguejando em voz baixa no momento em que o grande chapéu achatado que usava desapareceu para todo o sempre no interior da barriga de baleia da chusma de fãs que se comprimiam de encontro a ela.

— São vulgares — disse-lhe Jason ao ouvido parcialmente coberto pelo seu imenso emaranhado de reluzentes cabelos ruivos: a famosa cascata de cabelo tão ampla e habilmente copiada em salões de beleza espalhados por toda a Terra.

— Não digas essa palavra — replicou Heather numa voz áspera.

— São vulgares — disse Jason — e são néscios. Porque — Jason mordiscou o lóbulo da orelha de Heather — é essa a qualidade que define a pessoa vulgar. Certo?

Heather suspirou.

— Oh, Deus! Atravessar o vazio dentro do aeromóvel. É esse o meu desejo: um vazio infinito. Longe das vozes humanas, longe dos cheiros humanos, longe das mandíbulas humanas que mastigam chicles de plástico em nove cores iridescentes.

— Tens-lhes mesmo um ódio de morte — disse ele.

— Sim — respondeu ela, acenando com a cabeça num gesto veemente. — Tal como tu. — Deteve-se brevemente, girando a cabeça

para o olhar nos olhos. — Sabes perfeitamente que a tua voz se foi. Sabes que vives dos velhos tempos de glória que jamais voltarão. — Depois sorriu-lhe. Ternamente. — Estaremos a ficar velhos? — disse por cima dos murmúrios e guinchos dos fãs. — Juntos? Como marido e mulher?

— Os seis não envelhecem — disse Jason.

— Oh, envelhecem, sim — disse Heather. — Podes crer que envelhecem. — E, erguendo a mão, tocou no ondulado cabelo castanho de Jason. — Há quanto tempo o pintas, querido? Um ano? Três?

— Entra no aeromóvel — disse ele bruscamente, colocando-se atrás dela e conduzindo-a com os braços até ao exterior do edifício e através do passeio do Hollywood Boulevard.

— Entrarei se me cantares um si natural agudo — disse Heather. — Lembras-te de quando...

Jason enfiou-a no interior do aeromóvel com um empurrão e apressou-se a entrar a seguir, virando-se para ajudar Al Bliss a fechar a porta. Depois, adentraram o céu noturno carregado de nuvens de chuva. O imenso céu fúlgido de Los Angeles, que brilhava como se fosse meio-dia. E é esta a nossa realidade, pensou ele. A minha e a tua, agora e até ao fim dos nossos dias. Não há nada a fazer. Será sempre assim, porque somos seis. Ambos. Estejam *eles* cientes disso ou não.

E eles não estão cientes disso, pensou amargamente, detendo-se no humor negro da situação. Do conhecimento que ambos tinham e que todos os outros ignoravam. Porque assim deveria ser. E sempre assim fora... mesmo agora, depois de o projeto ter dado para o torto — pelo menos aos olhos dos mentores, dos grandes especialistas cujas previsões haviam falhado quarenta e cinco belos anos antes, numa altura em que o mundo era jovem e as gotas de chuva ainda se fixavam às agora desaparecidas cerejeiras-do-japão em Washington, D.C. e o cheiro da primavera pairara sobre a nobre experiência. Ainda que por pouco tempo.

— Vamos a Zurique — disse Jason em voz alta.

— Estou demasiado cansada — disse Heather. — Em todo o caso, aquele lugar aborrece-me.

— A casa? — perguntou Jason, incrédulo. Fora Heather quem a escolhera para ambos, e durante anos servira-lhes de refúgio, sobretudo dos fãs que Heather tanto odiava.

Heather suspirou e disse:

— A casa. Os relógios suíços. O pão. As pedras da calçada. A neve nas colinas.

— Montanhas — corrigiu ele, ainda melindrado. — Bem, que se lixe — acrescentou. — Vou sem ti.

— E levarás contigo outra pessoa?

Jason não percebeu a pergunta.

— Tu *queres* que leve outra pessoa comigo? — inquiriu.

— Tu, com esse teu magnetismo e esse teu charme, conseguirias levar qualquer repariga do mundo para aquela enorme cama de bronze. Não que sejas grande coisa depois de nela te deitares.

— Valha-me Deus — disse ele, indignado. — Outra vez essa conversa. Sempre as mesmas histórias. E é precisamente às que não passam de meras fantasias que insistes em aferrar-te.

— Tens plena noção da aparência que preservas apesar da idade — disse Heather seriamente, voltando-se para ele. — És bonito. Trinta milhões de pessoas comem-te com os olhos uma hora por semana. Não é na tua voz que estão interessadas... é na tua irremediável beleza física.

— O mesmo pode ser dito de ti — disse ele causticamente.

Sentia-se cansado e ansiava pela privacidade e pelo isolamento que reinavam nas cercanias de Zurique, silenciosamente à espera do regresso imediato de ambos. E era como se a casa quisesse que nela ficassem, não por uma noite ou por uma semana, mas para sempre.

— Não aparento ter a idade que tenho — disse Heather.

Jason olhou para ela e pôs-se a estudá-la. Volumosos cabelos ruivos, tez pálida salpicada com algumas sardas, um pronunciado nariz romano. Enormes olhos encovados de cor violeta. Ela tinha razão: não aparentava ter a idade que tinha. É claro que nunca tinha acedido à rede telefónica transexo, contrariamente a ele. Embora, na verdade, tivessem sido poucas as vezes que o fizera. Significava isso que não estava viciado e, por conseguinte, não sofrera qualquer lesão cerebral ou envelhecimento prematuro.

— És uma pessoa incrivelmente bela — disse Jason a contragosto.

— E tu? — perguntou Heather.

Ele não podia deixar-se abalar por aquilo. Sabia que ainda conservava o carisma, a força que quarenta e dois anos antes lhe haviam